

## Representação de campo e cidade no livro de leitura “Na cidade e no campo”

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar o livro didático de leitura “Na cidade e no campo”, de modo a compreender o leitor que a obra intenciona construir a partir das representações de cidade e de campo e das atividades propostas aos estudantes. O título, de autoria da professora gaúcha Maria de Lourdes Gastal, foi publicado pela editora FTD e direcionado ao 3º ano primário. A análise do livro, em seus aspectos materiais e textuais, está embasada no referencial teórico de Chartier (1990, 2001, 2014). O estudo se insere num conjunto de investigações que tomam o livro didático como importante artefato da cultura escolar, possibilitando diferentes enfoques investigativos acerca de um mesmo material. Assim, o artigo discute aspectos relacionados à representação de campo e da cidade presentes na obra, marcados como espaços homogêneos e singulares, visando instituir determinados comportamentos sociais nas crianças leitoras.

**Palavras-chave:** Livro Didático. Leitores. Representação. Campo e Cidade.

**Vania Grim Thies**

Universidade Federal de Pelotas  
– UFPel –  
Pelotas/RS – Brasil  
vaniagram@gmail.com

**Lisiane Sias Manke**

Universidade Federal de Pelotas  
– UFPel –  
Pelotas/RS – Brasil  
lisianemanke@yahoo.com.br

### Para citar este artigo:

THIES, Vania Grim; MANKE, Lisiane Sias. Representação de campo e cidade no livro de leitura “Na cidade e no campo”. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 160-181, set./dez. 2018.

**DOI: 10.5965/1984723819412018160**

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723819412018160>

## Representation of rural and urban areas in textbook “Na cidade e no campo”

### **Abstract**

This paper seeks to analyze a reading textbook and to understand what kind of reader it intends to construct through its representations of rural and urban areas and through assignments proposed for students. The book entitled “Na cidade e no campo” (*In the city and in the rural area*) was written by Maria de Lourdes Gastal, a teacher from the state of Rio Grande do Sul, and published by publishing house FTD. It is aimed at students in 3<sup>rd</sup> grade of primary education. The analysis of the book – in its material and textual aspects – is based on theories proposed by Chartier (1990, 2001, 2014). This study is part of a series of research projects that understand textbooks as artifacts in school culture, which allows one material to be analyzed under different research approaches. Therefore, this paper discusses aspects pertaining to the representation of urban and rural areas in the book. In it, those areas are understood as homogeneous and singular spaces in order to instill certain social behaviors in children who read it.

**Keywords:** Textbook. Readers. Representation. Rural Areas and Urban Areas.

## Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar o livro didático de leitura “Na cidade e no campo”, procurando compreender o leitor que a obra intenciona construir a partir das representações de cidade e de campo e das atividades propostas aos estudantes. O título, de autoria da professora gaúcha Maria de Lourdes Gastal, foi publicado pela editora FTD, e direcionado para o 3º ano primário. A pesquisa que resultou neste trabalho é realizada no acervo de “livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre os anos de 1940 e 1980”<sup>1</sup>, composto por 336 exemplares de livros didáticos referentes a 56 títulos, sendo este um dos acervos do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales/FaE/UFPEL)<sup>2</sup>. A escolha por esse livro didático se deu pelo nome do título e pela grande produção de livros didáticos de autoria da professora gaúcha Maria de Lourdes Gastal<sup>3</sup>. O grupo de pesquisa Hisales faz a guarda, atualmente, de 24 livros didáticos que correspondem a 11 títulos produzidos por essa autora. A grande efervescência da produção gaúcha desse período está ligada ao Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS) e também à Revista do Ensino, duas instituições que ofereciam textos e demais suportes para o trabalho pedagógico das professoras em sala de aula e eram capitaneadas por mulheres professoras, técnicas educacionais e produtoras de livros didáticos (PERES, 2008).

A autora da obra, Maria de Lourdes Gastal (1912 - 2000), era uma das professoras

---

<sup>1</sup> Peres (2008), em artigo produzido sobre obras didáticas e livros para o ensino da leitura no RS, revela um pouco da produção de duas mulheres gaúchas (Nelly e Cecy) autoras de livros didáticos que viajaram para os Estados Unidos no âmbito da política do COLTED (Comissão do Livro Técnico e Didático), no acordo MEC/USAID (United States Agency for International Development), para realizar estudos sobre produção de livros didáticos. Ramil (2017) realizou pesquisa sobre a autoria feminina dos livros didáticos. RAMIL, Chris de Azevedo. As mulheres professoras e autoras de livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1940-1980). In: XIX ENPÓS - Encontro de Pós-Graduação da UFPel (III SIEPE), 2017, Pelotas/RS. Anais do XIX ENPÓS - Encontro de Pós-Graduação da UFPel. Pelotas/RS: UFPel, 2017. p. 01-04.

<sup>2</sup> O Hisales possui seis acervos principais: a) Cadernos de alunos (ciclo de alfabetização e outras séries); b) Cadernos de planejamento (diários de classe) de professoras; c) Livros para ensino da leitura e da escrita nacionais e estrangeiros; d) Livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre os anos de 1940 e 1980; e) Materiais didático-pedagógicos; f) Escritas pessoais e familiares. Para saber mais ver em: <<http://wp.ufpel.edu.br/hisales/>>.

<sup>3</sup> Outros estudos sobre a produção de Maria de Lourdes Gastal já foram realizados no âmbito do Grupo HISALES: i) VIEIRA, Cícera Marcelina. A produção didática da professora Maria de Lourdes Gastal (1945-1970): primeiros resultados de investigação. ASPHE, Santa Maria/RS, 2011. ii) VIEIRA, Cícera Marcelina; PERES, Eliane. A produção didática da professora Maria de Lourdes Gastal (1945-1970): primeiros resultados de investigação. XX Congresso de Iniciação Científica; III Mostra Científica. Anais, 2011. iii) VIEIRA, Cícera Marcelina. A produção didática da professora Maria de Lourdes Gastal e a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. IX ANPED SUL, Anais, Caxias do Sul/RS, 2012.

de destaque no contexto educacional sul-rio-grandense, especialmente, por sua produção didática e vinculação com a Revista do Ensino (RE). Em entrevista concedida à Revista do Ensino no ano de 1996, há uma indicação da personalidade dessa mulher professora: “sua atitude, segura e firme, na orientação que dá à RE é a resultante daquele conjunto de qualidades que tão bem a caracterizam” (Revista do Ensino, 1963, p. 06). Fischer (2010), também discorre sobre as características da autora: “Maria, aquela fortaleza dos anos cinquenta e sessenta, aquela mulher determinada, que enfrentara autoridades proclamando seus ideais através de um importante espaço na imprensa pedagógica” (FISCHER, 2010, p. 64). Como considera Fischer (2010), a professora Maria de Lourdes Gastal foi uma mulher de grande relevância no magistério do Rio Grande do Sul: “fundadora e principal responsável por um verdadeiro acontecimento discursivo de meados do século XX: a Revista do Ensino RS (1951-1978)” (FISCHER, 2010, p. 63). Gastal foi proprietária da Revista do Ensino<sup>4</sup> por um curto período e diretora por mais de quinze anos, 1951 a 1964 (BASTOS, 2005).

A vasta produção das obras da professora Maria de Lourdes Gastal, segundo as pesquisas de Vieira (2011) e Vieira e Peres (2011), demonstram “que os livros didáticos eram destinados às diferentes disciplinas e anos escolares, mas com uma produção voltada especialmente à área de Estudos Sociais e Linguagem” (VIEIRA; PERES, 2011, p. 03) e, além disso, as pesquisadoras identificaram, também, livros destinados ao curso de Admissão ao Ginásio e, pelo menos, uma cartilha. As obras de Maria de Lourdes Gastal foram publicadas por diferentes editoras do Rio Grande do Sul da época: Selbach, Globo, mas, também por editoras do centro do país, como é o caso da editora FTD que publicou o livro em análise neste trabalho.

Não há indicação da data de publicação do referido livro, o que nos impossibilita de fazer uma análise mais aprofundada da sua circulação, mas, pelas marcas de catalogação da obra, inferimos que tenha sido publicado entre as décadas de 1960 e 1970. O livro foi comprado em um sebo e, posteriormente, doado para o acervo do Hisales. Nele há indicações de que foi catalogado em uma biblioteca escolar: a dobra amarela e também as letras escritas a lápis na parte superior direita, conforme visualizamos na folha

---

<sup>4</sup> Sobre a Revista do Ensino, verificar em BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.

de rosto, conforme Figura 01, indicam tal situação. As mesmas letras da catalogação aparecem na ficha colada na lombada do livro.

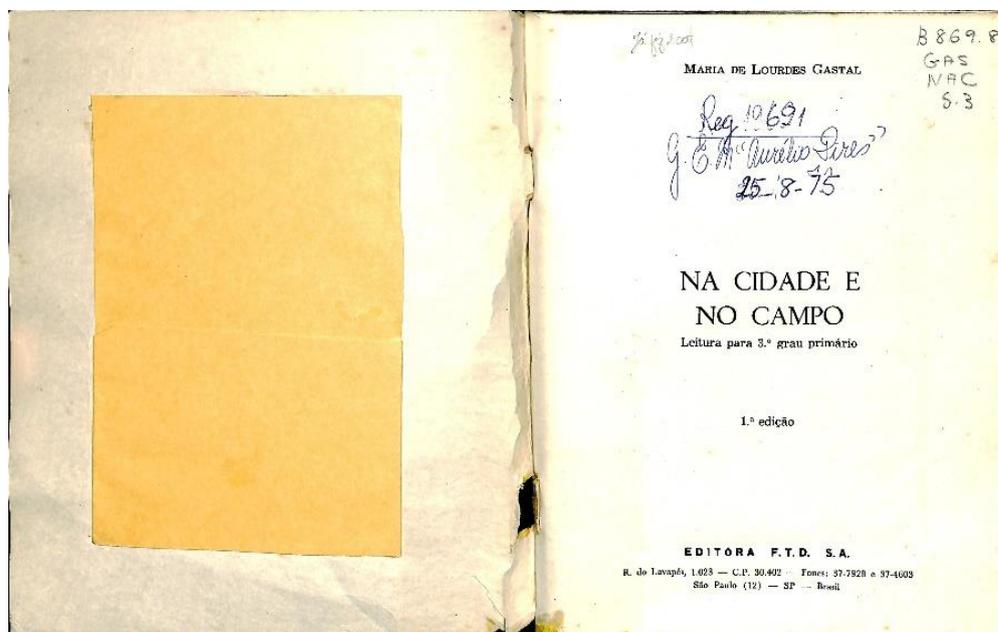


Figura 01: Marcas do registro da biblioteca. Fonte: Acervo Hisales.

Também nos chama a atenção o registro feito em caneta azul (Reg.19691) e a inscrição G. E. M “Aurélio Pires”, juntamente com a data 25-8-75. Na última página, há a ficha para controle de retirada do livro da biblioteca com o enunciado “este livro deve ser devolvido na última data carimbada”, porém, a ficha está sem nenhum preenchimento. Contudo, os indícios apontam para sua presença no contexto escolar. Nas páginas 09 e 19 aparece um carimbo do Ministério da Educação e da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), o que indica que o livro é para uso do aluno e foi doado pela COLTED<sup>5</sup>.

Após realizar considerações iniciais sobre o livro e sua autora, passamos para uma análise mais aprofundada da obra com o foco na sua materialidade.

<sup>5</sup> A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) foi instituída pelo Decreto nº 59.355, em 4 de outubro de 1966.

## 1. A obra “Na cidade e no campo” e suas especificidades

O livro analisado é destinado à escola primária e a um leitor específico, aspecto que já está explícito na sua capa, com a indicação de que seja destinado a alunos do 3º ano, especificando a sua principal característica: livro de leitura.

No estudo realizado por Batista, Galvão e Klinke (2002, p. 28), sobre a morfologia dos livros escolares de leitura, os autores indicam que é a partir da segunda metade do século XIX que surgem, no Brasil, livros nacionais de leituras destinados às séries iniciais de escolarização, tanto do tipo *séries graduadas*, quanto do tipo *livros isolados* de leitura. A pesquisa ainda classifica os livros escolares de leitura em quatro grandes gêneros: compêndios, antologias, narrativas e caderno de atividades; e em cinco grandes modelos de livro: paleógrafo, instrutivo, formativo, retórico-literário e autônomo<sup>6</sup>. De acordo com a descrição apresentada pelo estudo, o livro “Na cidade e no campo” pode ser considerado como um livro de leitura do gênero narrativa, com modelo formativo. Como obras de gênero narrativa foram consideradas as que:

[...] em maior ou menor grau, desenvolvem-se com base em um esquema narrativo (apresentam seqüências de acontecimentos), estruturado em torno de uma situação de natureza ficcional e no interior da qual se realiza, também em maior ou menor grau, a transmissão de conteúdos instrutivos, morais e cívicos ou religiosos. (BATISTA, GALVÃO E KLINKE, 2002, p. 36)

Em diálogo com tais características, a história narrada no livro “Na cidade e no campo” apresenta a trajetória de um menino que vive triste e doente no apartamento urbano ocupado pela família; por esse motivo, como indicação médica, é levado para a casa dos avós, que moram em uma fazenda, onde o ar puro curaria todas as suas mazelas. Os episódios narrados sobre o menino urbano, que conhece outras maneiras de viver ao ser integrado ao cotidiano do campo, são ancorados em representações<sup>7</sup> que distanciam os modos de vida urbano e rural, como também, são transmitidos ensinamentos sobre comportamentos sociais, relação com o meio ambiente, hábitos de higiene,

---

<sup>6</sup> Para ampliar a discussão sobre a classificação em tipo, gênero e modelo dos livros de leitura, consultar: Batista, Galvão e Klinke (2002).

<sup>7</sup> Utilizamos o conceito de representação desenvolvido por Chartier (1990), que será discutido ao longo do artigo.

compromissos cívicos e religiosos, etc.

Ainda a partir da classificação apresentada por Batista, Galvão e Klinke (2002, p. 41), os livros voltados para a transmissão de valores e atentos a características do público infantil constituem o modelo formativo de livros de leitura, em oposição ao modelo enciclopédico; portanto, conforme os autores o modelo formativo está:

[...] organizado em torno da busca de transmissão não de conteúdos instrutivos, mas, fundamentalmente, de valores. [...] associa o ensino da leitura aos conteúdos morais, cívicos, ideológicos expressos pelos textos utilizados. (BATISTA, GALVÃO E KLINKE, 2002, p. 41)

Assim, o conteúdo ficcional da narrativa é desenvolvido no sentido de formar um determinado público leitor, não apenas em relação à capacidade de decodificação e interpretação do texto impresso, mas também no sentido de formar modos de ser e viver em sociedade, a partir da identificação do leitor com o texto, que busca instituir determinado comportamento social no público usuário da obra. O livro que analisamos ilustra esse modelo formativo ao apresentar conteúdo com representação explícita sobre a vida na cidade e no campo, além de indicar princípios morais, cívicos e religiosos desenvolvidos ao longo da narrativa.

A imagem da capa do livro apresenta o enredo da narrativa que é desenvolvido na obra, como se observa na Figura 02:

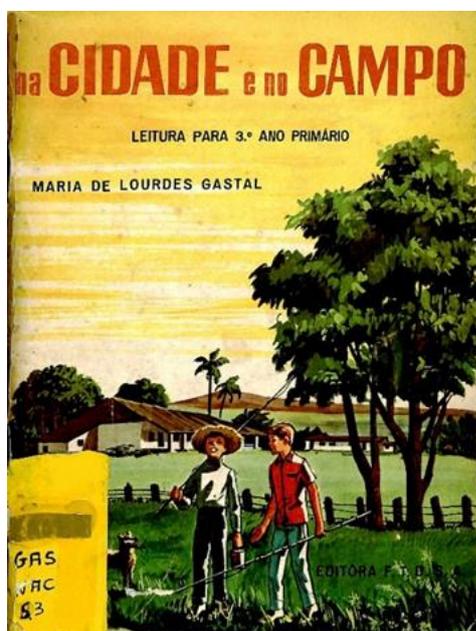


Figura 02: Capa do livro “Na cidade e no campo”.  
Fonte: Acervo Hisales.

A imagem da capa apresenta o cenário onde se desenrola a maior parte da história: a fazenda do avô Alfredo e da avó Julieta. No primeiro plano da ilustração, são representados os meninos Homerinho, personagem principal da história, e Eduardo, o filho do capataz da fazenda dos avós de Homerinho. O menino Eduardo, com chapéu de palha e apetrechos de pesca, é colocado no centro da imagem, com postura de quem conduz o menino Homerinho, recém-chegado da cidade, às atividades da fazenda. O título do livro, em cor vermelha, destaca as palavras cidade e campo, conduzindo o leitor para o tema da leitura, que a partir do título pode induzir à relação que o texto estabelece entre esses dois espaços geográficos. A palavra ‘cidade’ precede a palavra ‘campo’, o que pode ser considerado devido à ordem dos acontecimentos narrados, uma vez que a vida urbana da família do menino Homerinho é destacada nas primeiras histórias do livro.

Para compreender os sentidos apresentados no texto aos prováveis leitores, orientamos a análise, especialmente, nos estudos de Chartier (1990, 2001, 2014), que não dissocia o texto e a materialidade dos suportes de leitura, pois, “as significações históricas e socialmente diferenciadas de um texto, qualquer que ele seja, não podem separar-se das modalidades materiais que o dão a ler aos seus leitores” (CHARTIER, 1994, p. 105). Assim, Chartier (2014), apoiado nos estudos de McKenzie, considera que o significado de um texto, canônico ou não, “depende das formas que o tornam possível de ler, ou seja, das diferentes características da materialidade da palavra escrita” (p. 20). Munakata (2012) também destaca que há uma relação entre a materialidade do objeto-livro e o seu leitor: “entre a enunciação das ideias e dos valores e a sua recepção, há, sempre, a mediação da materialidade do objeto-livro, que deve ser levada em conta” (MUNAKATA, 2012, p. 183-184). O autor afirma que a materialidade de um livro não é somente o seu tamanho, tipos de letras e medidas, mas, somados a esses aspectos, estão também outras relações de produção, circulação e consumo que conferem a inteligibilidade ao livro e, por consequência, ao seu leitor.

O conjunto de protocolos de leitura, que são constituídos a partir de um leitor-modelo<sup>8</sup>, indica os caminhos para a produção de sentidos do texto dado a ler. A análise

---

<sup>8</sup> Para Eco, o autor “preferirá um leitor-modelo capaz de cooperar para a atualização textual como ele, o autor, pensava, e de movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente” (ECO, 1988, p. 39). Deste modo, há textos produzidos para um determinado público e com propósito previamente definido, ou seja, o autor fixa com “perspicácia sociológica e com brilhante medida estatística

do livro “Na cidade e no campo” será realizada nessa perspectiva, considerando a textualidade (os dispositivos discursivos e as representações que compõem o texto) e a materialidade do suporte (os dispositivos tipográficos, que dão forma ao texto)<sup>9</sup>. Compreendemos que um texto se apresenta ao leitor já com uma proposta de produção de sentido, como indica Chartier (2001):

Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e de edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nele que fundam seus esforços e efeitos de persuasão. É possível, portanto, interrogando de novo os textos e os livros, revelar as leituras que pretendiam produzir, ou aquelas tidas como aptas para decifrar o material que davam a ler. (CHARTIER, 2001, p. 20)

Nessa perspectiva, a análise de uma obra didática em sua complexidade demanda dois movimentos: a) por um lado, compreender o tipo de conhecimento selecionado, as representações e as concepções conceituais presentes no texto; b) por outro, a apreciação da materialidade do suporte, ou seja, a maneira como o texto e as imagens estão dispostos entre si, as marcas gráficas, os pré-textos e as estratégias de leitura propostas nestes, os títulos e subtítulos, e as atividades sugeridas. Nesse conjunto de protocolos de leitura se fundam os esforços e os efeitos de persuasão do autor e do editor, ao buscarem instituir pensamentos e condutas no leitor-modelo.

Ao tratar da materialidade do livro analisado é possível considerar, em relação aos aspectos tipográficos, que a obra possui significativa legibilidade e leiturabilidade<sup>10</sup>, uma

---

o seu leitor-modelo” (ECO, 1988, p. 41).

<sup>9</sup> Conforme Chartier (1990), o processo que vai da produção à apropriação de um texto, que envolve autores, editores e leitores, por vezes, não é linear e as formas de apropriação desejadas durante a produção de um texto podem não refletir os sentidos produzidos pelo leitor. Para que tais pressupostos de leitura sejam efetivados, torna-se necessário que autores e leitores compartilhem minimamente de disposições socioculturais equivalentes, que façam emergir possíveis convergências entre os sentidos desejados e os significados produzidos.

<sup>10</sup> Conforme Lee (2004), legibilidade é a qualidade da letra (ou escrita) que a torna possível de ler, enquanto que leiturabilidade é a característica de um corpo de texto que o faz confortável de ler (LEE, 2004, p. 128, apud: NASCIMENTO, 2011, p. 35).

vez que apresenta tamanho de letra e forma adequada para a idade a que se direciona, o que possibilitaria a fluidez da leitura<sup>11</sup>.

O livro possui tamanho de 15 centímetros de largura e 20,3 centímetros de comprimento, tem 97 páginas, nas quais estão distribuídas as 39 lições, que se configuram enquanto uma narrativa dividida em diferentes episódios. Dentre as histórias narradas, há nove poemas escritos por autores diversos, que dialogam e, por vezes, reforçam a mensagem dos textos. Os textos são impressos somente em cor preta, e cada história ocupa de duas a três páginas do livro. A letra tipo romano possui tamanho 12 pontos para o texto principal e 8 pontos para os textos das atividades, da apresentação e do índice. A letra dos títulos possui tamanho 12 pontos, e são destacadas em caixa alta (maiúscula).

Não há em todo o livro o uso de marcadores, como negrito ou itálico, ou seja, não se observa dispositivos de leitura que procurem destacar frases ou palavras do texto. Contudo, outros dispositivos são utilizados para evidenciar a mensagem principal das lições, como, por exemplo, as ilustrações que antecedem a história narrada, e as atividades que as precedem, propondo exercícios tais como: procure saber [...], faça um mural [...], faça uma lista [...], escreva [...], com o propósito de direcionar a interpretação do texto. No total, o livro apresenta 37 ilustrações, 18 coloridas e 19 em escalas de cinza, que, de certo modo, introduzem o tema do texto que segue.

A disposição gráfica dos textos pode ser observada na Figura 03:

---

<sup>11</sup> Richaudeau (2005, p. 34) distingue os tamanhos de fontes indicados para cada faixa etária da infância; em se tratando de crianças de nove anos, o corpo médio do texto deve ser de 12 pontos, para que haja uma maior legibilidade do texto.

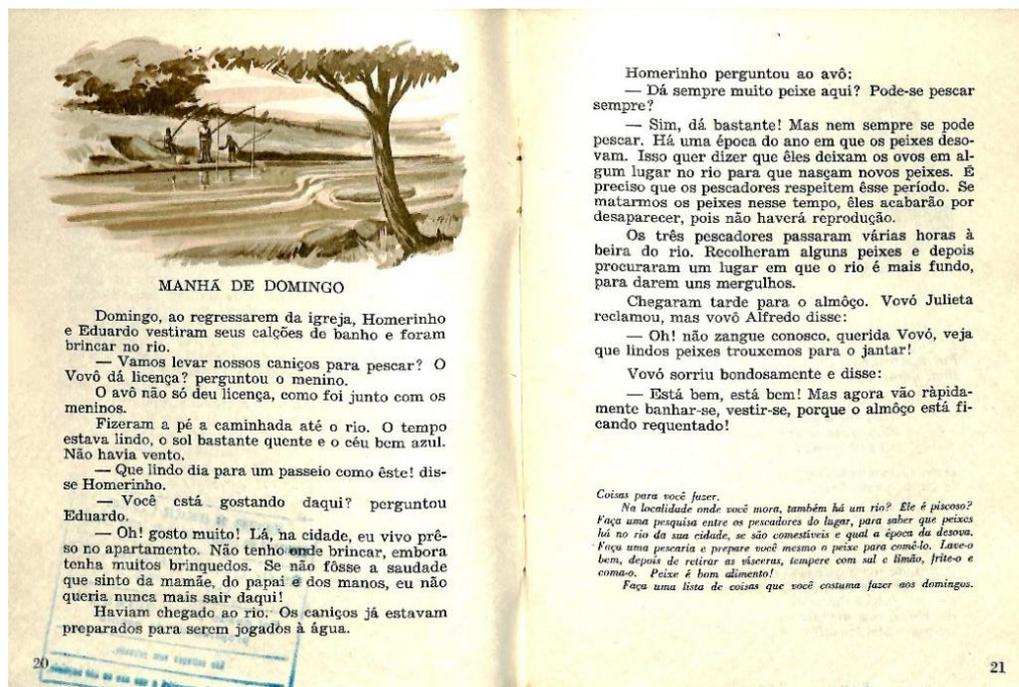


Figura 03: Texto do livro “Na cidade e no campo”, páginas 21-22, s/d. Fonte: Acervo Hisales.

As 39 lições distribuídas ao longo do livro apresentam a mesma organização: uma imagem ao alto da página e, após o título e a história, que ocupa, em média, de duas a três páginas, e, por fim, atividades sobre a história narrada.

Em relação aos protocolos de leitura presentes na obra, destacamos o prefácio, localizado nas primeiras páginas, que se dirige diretamente “ao professor”, apresentando “sugestões de atividades relativas ao livro de leitura”, “atividades para desenvolver a habilidade de usar o dicionário” e “atividades gerais para desenvolver o vocabulário” (GASTAL, [19--], p. 5). No final do texto, uma frase indica que as sugestões são “extraídas dos Programas de leitura de vários Estados do Brasil”. O conjunto de sugestões direciona as atividades e indica o propósito da obra didática: desenvolver a habilidade de leitura dos alunos, a partir de uma narrativa de modelo formativo, que procura instituir condutas sociais.

Dentre as sugestões apresentadas relativas ao uso do livro de leitura, são cinco os itens listados, conforme ilustra a Figura 4:

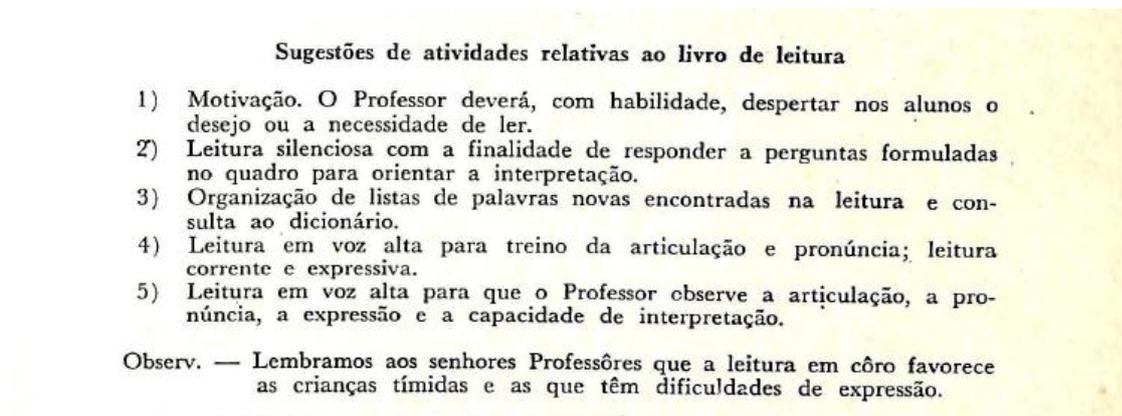


Figura 04: Excerto do texto de prefácio do livro. Fonte: Acervo Hisales.

O primeiro item apresentado demonstra o incentivo para uma prática de leitura a ser desenvolvida com prazer, tendo como princípio a motivação dos leitores; os demais itens indicam para um saber escolarizado, que prescreve atividades de leitura silenciosa, interpretação, vocabulário e leitura oral, com vistas ao desenvolvimento da expressão oral.

Conforme Cunha (2014, p. 188), a leitura, enquanto prática obrigatória que compõe o currículo escolar, foi uma das incumbências que o sistema escolar tomou para si, desde os finais do século XIX, com a propagação dos manuais didáticos, seja para transmitir ensinamentos, exercer controle, alimentar o imaginário ou mesmo, construir leitores. As orientações para desenvolver tais habilidades de leitura no contexto escolar, parecem ter atravessado séculos, perpassando dos programas de leitura aos manuais didáticos. O prefácio do livro “Na cidade e no campo” assemelha-se com as recomendações e objetivos de leitura presentes em outros manuais, como destaca Cunha (2014), ao referir-se ao manual de Mário Gonçalves Viana, publicado em 1949:

Outro aspecto a considerar são as recomendações para a leitura, inicialmente silenciosa, que se encaminharia para uma leitura em voz alta. Essa recomendação funcionava como um dos objetivos da leitura escolar, que outorgava um privilégio à mente e depois à voz, dentro da atividade leitora, e fazia desse tipo de leitura uma prática usual prescrita em manuais e prevista como item programático nas Escolas Primárias. (CUNHA, 2014, p. 188)

Nesse mesmo sentido, o prefácio em evidência encaminha as atividades de leitura,

a partir de uma sequência de ações que promoveriam habilidades relativas a tal prática: “leitura silenciosa com a finalidade de responder perguntas”, “lista de palavras novas encontradas na leitura”, “leitura em voz alta para treino da articulação e pronúncia” (GASTAL, [19--], p. 05). Tais atividades de leitura proporcionariam o “privilégio à mente e depois à voz”. Por fim, a sugestão é para a leitura em coro, que favoreceria a expressão oral das crianças tímidas, indicando para a complexidade e os benefícios da aprendizagem leitora.

Na página seguinte ao prefácio, que orienta o uso do livro nas atividades escolares, há o Índice, com o título de cada uma das lições e a página na qual é possível localizá-la. Os títulos das 39 histórias evidenciam as atividades que envolvem a trajetória do menino Homerinho desde a saída da cidade até a experiência da rotina da vida no campo. Passemos para a análise dessas histórias.

## 2. Os textos narrativos e seus direcionamentos

Como já referido, as histórias narradas configuram-se em um enredo que tem no menino Homerinho, 10 anos, o personagem principal. Ele mora com a família – pai, mãe e dois irmãos – na capital, no décimo andar de um edifício que tem uma vista privilegiada; do terraço seria possível avistar-se quase toda a cidade. A primeira lição apresenta a família, indicando a boa situação financeira que possuem; o apartamento é próprio e possui conforto e modernidade e a família ainda conta com um automóvel. O pai é sócio em um grande magazine, a mãe cuida do lar, e os irmãos são muito unidos. Contudo, a família “perfeita” não é feliz, pois todos estão preocupados com a saúde de Homerinho, conforme o texto relata: “Pena que o lar desta família é um lar triste, porque Homerinho é um menino doente. Êle está tão magrinho e pálido! Homerinho não quer comer nem os doces gostosos que sua mãe lhe oferece” (GASTAL, [19--], p. 07). Na segunda lição, após consulta ao médico, o menino recebe a prescrição de viver em um lugar que lhe ofereça maior liberdade, ar puro e espaço para correr. As palavras do médico para a família são decisivas:

Homerinho não está doente. Sua natureza é como a de uma avezinha. Não pode viver engaiolado. Êle necessita de liberdade, espaço para correr, ar puro para respirar. Aconselho que o levem para fora; uma chácara ou uma fazenda seria o ideal para êle. Tendo liberdade,

correndo, brincando ao ar livre, virão o apetite e as boas côres. Este menino precisa de contato com a natureza. (GASTAL, [19--], p. 09)

Seguindo as ordens médicas, a mãe, um pouco relutante, leva-o para a fazenda de seu avô, para que recupere a saúde. A viagem de quatro horas é feita de trem, e durante o percurso algumas paisagens vão entusiasmando Homerinho: “Um campo onde o gado pastava tranquilamente atraiu-lhe a atenção. Depois, foi uma ponte onde o trem passou, cortando um rio” (GASTAL, [19--], p. 12). E a disposição do menino se tornava evidente, em uma estação em que o trem parou, o menino pediu para a mãe comprar bananas: “Dona Zaida, atendeu, feliz, o pedido do menino. Fazia tanto tempo que ele não pedia alguma coisa para comer! O novo ar que Homerinho respirava já lhe abria o apetite” (GASTAL, [19--], p. 12).

Na fazenda de nome Guarani, o companheiro de Homerinho é Eduardo, o filho do capataz, que o leva para conhecer os seus lugares favoritos para brincar, para mostrar os cavalos, acompanha-o em um banho de rio, na pescaria e na colheita de frutas silvestres. A casa na fazenda é grande e clara, possui um lindo jardim, e nos fundos há uma horta e um pomar, campos com gado, que garantem “leite bom para tomar”. Na propriedade existe também um mato preservado, com animais e um rio de água tão cristalina que é possível ver os peixes nadando. Conforme a narrativa, quando seu Alfredo, o avô, soube do motivo da vinda do menino, afirmou: “–Zaida, meu neto ficará bom, gordo e corado! O contato com a natureza desperta o apetite, proporciona bom sono, dá vontade de correr e de brincar” (GASTAL, [19--], p. 12). Na narrativa, o menino se adapta muito bem a nova rotina, e logo apresenta melhoras na saúde. Quando questionado se estaria gostando da vida na fazenda, responde:

– Oh! Gosto muito! Lá, na cidade, eu vivo preso no apartamento. Não tenho onde brincar, embora tenha muitos brinquedos. Se não fôsse a saudade que sinto da mamãe, do papai e dos manos, eu não queria nunca mais sair daqui. (GASTAL, [19--], p. 20)

As crianças às quais a obra se destina, estão com idades semelhantes a de Homerinho, 10 anos, e na leitura desse livro poderiam perceber os benefícios da vida em uma fazenda, o quão prazerosas são as atividades ao ar livre e as experiências vividas no

campo. De igual modo, é possível concluir que a vida urbana, por mais moderna que seja, restringe a liberdade e pode levar à doença física. As narrativas presentes em “Na cidade e no campo” trazem a representação<sup>12</sup> do rural enquanto espaço de convivência com a natureza, de produção de alimentos e de modos de vida pacíficos, lugar da pureza, da saúde e do bem estar, que se diferencia, por tais características, dos modos de vida urbanos.

A contraposição entre urbano e rural, ou campo e cidade, está vinculada à origem da sociologia rural<sup>13</sup>, desenvolvida na segunda metade do século XX. Tais concepções podem ser observadas em sua dualidade extrema, como na comparação de Sorokin; Zimmerman; Galpin (1981, p. 212) quando afirmam que a comunidade rural “nos recorda o açude tranquilo comparado às cataratas furiosas da cidade”, ou ainda, que “a comunidade rural é semelhante à água parada em um balde e a comunidade urbana à água fervendo em uma chaleira” (idem, p.16). Esses aspectos contribuem na formulação de concepções de representações ainda recorrentes sobre os mundos rural e urbano. Para Williams (1989), o campo e a cidade são duas comunidades que historicamente foram representadas como antagônicas, como expressa:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. (WILLIAMS, 1989, p. 11)

No livro didático em análise, nos textos iniciais, conforme já citamos, é possível perceber a busca da “paz, inocência e virtudes simples” quando o menino vai para a

---

<sup>12</sup> Conforme Chartier (2009), as “representações coletivas e simbólicas encontram, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade (p. 49). Assim, as representações “não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é efetivamente, o que dizem que é” (CHARTIER, 2009, p. 51).

<sup>13</sup> A sociologia rural é um dos mais antigos ramos da sociologia geral, estando circunscrita ao estudo de uma região ou de um determinado meio. Sua origem, assim como na sociologia geral, estaria vinculada às mudanças sociais e à crise. Para Solari (1979), essa crise ocorre em duas dimensões: no despovoamento do campo, diante das novas tecnologias, e na invasão do campo pelas cidades, o que o autor chama de urbanização do meio rural. Para o autor, “a sociologia rural, ainda que seja parte de uma ciência, não constitui uma disciplina meramente acadêmica, mas ao contrário nasceu e se desenvolveu sob a pressão das necessidades e problemas suscitados pelo desenvolvimento da própria sociedade” (p. 4).

fazenda do avô. Assim, as virtudes e pontos negativos que contrapõem o rural e o urbano estariam vinculados ao “mito fundador da sociologia rural” (CARNEIRO, 2008, p. 10), a partir da representação dualista entre esses dois lugares, partindo do princípio da homogeneidade das duas sociedades que se colocam em oposição. Novas concepções<sup>14</sup> foram sendo forjadas com o passar dos anos, compreendendo que as fronteiras tênues entre rural e urbano não levam necessariamente à homogeneidade dos dois espaços, como se não existissem modos de vida específicos desses locais, mas permite entender o rural como espaço dinâmico, onde pode haver a mobilidade espacial e a preservação da identidade social, “é o caso da manifestação de práticas culturais entendidas como rurais em espaços definidos como urbanos e vice-versa” (CARNEIRO, 2008, p. 35).

Ao indicar as virtudes da vida no campo, a narrativa também apresenta os exemplos de comportamentos sociais do avô Alfredo, a exemplo do texto sobre Ribeirinha (GASTAL, [19--], p. 17-18), a cidade pequena e em desenvolvimento que fica próxima da fazenda. Nesta narrativa, o avô de Homerinho explica ao neto que o dinheiro para construção das escolas, praças, ruas e para o saneamento básico vem do valor dos impostos que as pessoas pagam ao realizar compras e demais pagamentos. Para completar a explicação, vovô Alfredo diz que o pagamento de impostos é uma obrigação. No final da narrativa, após a longa explicação do avô, Homerinho então completa: “– Ah! vou passar a pedir a nota, tôda vez que eu fizer uma compra!”, com forma de reafirmar aquilo que o texto diz ao leitor.

Ressaltamos que a explicação sobre os impostos aparece em outros textos do livro, como por exemplo 'A nova estrada' (GASTAL, [19--], p. 57). O menino Eduardo, filho do capataz, questiona seu Alfredo: "Onde o governo arranja dinheiro para as despesas com a abertura da estrada?" (GASTAL, [19--], p. 58). Seu Alfredo responde que o dinheiro para as construções vem do recolhimento dos impostos. O referido texto completa as informações já ditas anteriormente, ou seja, o leitor tem a oportunidade de aprofundar as informações obtidas na leitura anterior. Os textos são escritos no sentido de formar

---

<sup>14</sup> Carneiro (2008) aponta outras possibilidades teóricas que buscam diversificar os critérios de análise para o rural e o urbano, ultrapassando o modelo clássico que contrapõe esses locais. Para a autora, há a necessidade de perceber esses espaços como heterogêneos, capazes de englobar uma diversidade de atores e práticas sociais, o que fica visível diante da “expressão de certo mal-estar dos pesquisadores ao se depararem com uma realidade que não cabe mais (ou jamais coube) no arcabouço teórico-conceitual sustentado na dualidade rural-urbana” (CARNEIRO, 2008, p. 16).

modos de ser e viver em sociedade, explicitando ao leitor 'o quê' é preciso fazer para ajudar no desenvolvimento de um município.

Entre outros textos<sup>15</sup>, seguindo no rol da urbanização da pequena região da cidade de Ribeirinha, aparecem: “Ribeirinha é centro comercial”, “Os semáforos”, “A nova estrada”, “A nova ponte”, “Falando com a capital”. Todos esses textos estão na relação do que Santos (1988, p. 90) chamou de um novo tempo da urbanização:

Após 1960 e sobretudo 1970, a urbanização conhece um novo tempo. A partir deste momento, novos fatores surgem, tornando mais complexo o fenômeno da urbanização. Temos uma modernização e ampliação dos transportes e das comunicações; uma expansão capitalista no campo e nas demais atividades; um movimento de migrações muito forte; uma divisão do trabalho social e territorial, que se superpõe a divisão do trabalho social e territorial anterior, etc. Tudo isto tem como resultado, uma aceleração do processo de urbanização. (SANTOS, 1988, p. 90)

Na lição “Ribeirinha é centro comercial” (GASTAL, [19--], p. 39), essa expansão capitalista no campo e nas demais atividades aparece explicitamente, como podemos verificar em alguns excertos:

Ribeirinha é uma cidade de fatura. Ela é rodeada de grandes plantações de cana-de-açúcar, de extensas matas de boa madeira e de chácaras e fazenda onde todos trabalham e produzem. Destas, a cidade recebe o suprimento de gêneros, frutas, legumes, aves, ovos e leite. Ribeirinha será, no futuro, uma cidade industrial. Já se nota ali uma preferência do povo por instalar pequenas indústrias. (GASTAL, [19--], p. 39)

Seguindo a narrativa, há a citação das fábricas de tecido, móveis, de calçado, de torrefações de café, usina de açúcar, matadouros, ou seja, o texto institui uma narrativa de desenvolvimento da pequena Ribeirinha e da relação das formas de produção na região, desde o "suprimento de gêneros" e outros até "móveis finos para as residências".

Há, novamente, referência ao pagamento dos impostos e, "por isso o edil dispõe dos recursos necessários para manter aquelas casas, pavimentar as ruas e as estradas e

---

<sup>15</sup> A possibilidade de análise dos textos do livro “Na cidade e no campo” é diversa. Optamos pela exploração de alguns textos, deixando possibilidades para trabalhos posteriores (a perspectiva religiosa e dos 'bons costumes', servil à nação brasileira, por exemplo, aparece em várias narrativas).

abrir escolas" (GASTAL, [19--], p. 40). Os excertos citados representam, conforme Santos (1988), a expansão capitalista não só no campo, mas, também nas demais atividades da cidade e a divisão do trabalho social.

O texto que dá sequência ao livro refere-se a semáforos instalados na cidade por ordem do Sr. prefeito, fato criticado por alguns habitantes, e explicado pelo avô: "– Sempre há pessoas que têm de censurar o que os outros fazem. Eu acho que o Sr. Prefeito está acertado. É verdade que o movimento de Ribeirinha ainda é pequeno. Mas, no ano 2.000 ela já será uma grande cidade" (GASTAL, [19--], p. 42). Os outros três textos escolhidos (A nova estrada, A nova ponte, Falando com a capital) não estão na sequência, mas, intercalados com outras narrativas e poemas, os quais descrevem a inauguração do novo prédio do Grupo Escolar, o temporal que atinge a região e de demais textos que reafirmam os bons hábitos do avô do menino. Os três textos selecionados para essa análise continuam na direção do crescimento da cidade e da região que dela depende. "A nova estrada" é questionada por Homero<sup>16</sup> sobre o porquê da construção de uma nova estrada se já há uma, a qual liga a cidade à capital. Seu Alfredo responde:

Agora o Govêrno mandou fazer uma estrada moderna, larga, com duas pistas e sem tantas voltas como a outra" [...] "Todas as estradas são importantes e esta é muito importante porque encurta os caminhos de comunicação entre Ribeirinha, as cidades vizinhas e a Capital. Com uma boa estrada encurtando as distâncias, o progresso chega mais ligeiro. (GASTAL, [19--], p. 57-58)

Santos (1988) nos ajuda na análise da produção dos textos no livro quando aponta que é "a partir de 1960, tem-se uma tendência a construção de estradas de rodagem e rodovias de primeira ordem. O Brasil passa a ser cruzado por um grande número de rodovias de boa qualidade, entre as quais um percentual de autopistas" (SANTOS, 1988, p. 90). Esses aspectos estão presentes nos textos selecionados para nossa análise. Outro elemento importante, já ao final do livro de Gastal, é o momento em que avô e neto vão à cidade para realizar a consulta médica e fazem o uso da cabine telefônica para realizar

---

<sup>16</sup> Na lição "A primeira carta" (GASTAL, p. 33, s/d), Homerinho escreve uma carta aos pais, e nela, assina como Homero, escrevendo à família que o avô quer que todos lhe chamem de Homero, e não mais pelo nome no diminutivo (Homerinho). Há a indicação de que o menino que chegou 'fraquinho' na fazenda, agora já estava crescendo. As imagens ao longo do livro também revelam o menino em crescimento.

uma ligação para capital. Enquanto aguardam, Seu Alfredo explica ao neto: "Nosso país ainda não tem um serviço de comunicações como é necessário. Mas, dentro de poucos anos, êste problema será resolvido. O Governo Federal está empenhado em ligar todos os pontos do país através do telefone" (GASTAL, [19--], p. 77).

Santos (1988, p. 91) aponta que:

A modernização dos transportes é paralela a expansão das comunicações [...] As comunicações permitem que o comércio ganhe uma nova dimensão, e naturalmente todos estes fatores têm como consequência um novo aumento da circulação, paralelamente a uma urbanização, que tende a ser aumentada. (SANTOS, 1988, p. 91)

Os textos que selecionamos para problematização estão de acordo com o ideal de urbanização dos anos de 1960 e 1970. É nesse período histórico que apontamos, conforme dito no início do artigo, a produção da obra de Maria de Lourdes Gastal, inferindo também um leitor que recebe, na forma textual, a representação (CHARTIER, 1990) da cidade como desenvolvimento e urbanização e a representação de campo como um local em meio à natureza, no qual um menino é curado de sua doença a partir do seu contato com o ambiente natural.

### Considerações finais

O livro de leitura "Na cidade e no campo" foi produzido para uso escolar, isso é evidenciado já no prefácio dirigido aos professores e pelas orientações/sugestões de uso do livro para desenvolver as habilidades leitoras dos alunos do 3º ano primário. Nesse sentido, a narrativa buscaria direcionar o olhar das crianças, dos espaços urbanos e/ou rurais, leitoras do livro "Na cidade e no campo" a partir de uma representação sobre cidade e sobre campo, construindo comportamentos frente aos dois espaços geográficos e sobre modos de viver em sociedade.

Ainda, é possível considerar que as narrativas apontam para uma obra caracterizada pelo modelo formativo, que vislumbra a possibilidade de aproximar-se do aluno leitor por meio do personagem principal, que teria a mesma idade dos escolares que fariam uso da obra; tal identificação promoveria a empatia com o universo narrativo.

Deste modo, os valores e representações implícitos e explícitos no texto contribuiriam para a formação do aluno, não apenas em relação às habilidades de leitura, mas para formação de condutas sociais, que primassem pelo desenvolvimento das cidades, pelo respeito à Pátria e ao meio ambiente, promovendo a simpatia pela vida simples e pelo ar puro do campo, onde os problemas sociais parecem ser minimizados diante da vida comunitária e do convívio pacífico com a natureza.

Contudo, tal representação da cidade e do campo bastante difundida pelos estudos acadêmicos no período de produção da obra, como já referido, fortalece a dicotomia entre urbano e rural e desconsidera a diversidade sociocultural de ambos os espaços. Tal representação é fortemente identificada pela perspectiva de urbanização das cidades no período dos anos de 1960/1970. Além disso, tal proposta narrativa, não deixa espaço para discussões que complexifiquem os diferentes modos de vida, nos diferentes espaços socioculturais, relativizando as posturas sociais de “homem do campo” e “homem urbano”.

## Referências

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1856-1956). **Revista Brasileira de Educação**. nº 20, p. 27-47, maio/jun./jul./ago., 2002.

BASTOS, Maria Helena Camara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): O Novo e o Nacional em Revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

CARNEIRO, Maria José. “Rural” como categoria do pensamento. **Ruris**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 9-38, mar. 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São

Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Modelos para ensinar a leitura: dois manuais de ensino de leitura para professores: décadas de 1940-1960. In: MORTATI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). **História do ensino de leitura e escrita: método e materiais didáticos**. Marília: Ed. Unesp, 2014.

ECO, Umberto. O leitor modelo. In: ECO, Umberto. **Lector in fábula**. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 35-49.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Revista do Ensino/RS e Maria de Lourdes Gastal: duas histórias em conexão. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 14, n. 30 p. 61-79, jan./abr. 2010.

GASTAL, Maria de Lourdes. **Na cidade e no campo**. Leitura para o 3º ano primário. São Paulo: Editora F.T.D. SA, s/d.

LEE, Marshall. **Bookmaking: Editing/Design/Production**. New York: Balance House Book, 2004.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP, v. 12, n. 3, set./dez., p. 179-19, 2012.

NASCIMENTO, Luiz Augusto do. **O design do livro didático de alfabetização: tipografia e legibilidade**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2011.

PERES, Eliane. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura produzidos no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). **Educação UNISINOS**, v. 12, n. 2, p. 111-121, maio/ago. 2008.

RAMIL, Chris de Azevedo. As mulheres professoras e autoras de livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1940-1980). In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFPel - ENPOS (III SIEPE), XIX, 2017, Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas/RS: UFPel, 2017. p. 01-04.

REVISTA DO ENSINO. Porto Alegre: **Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul**, v.13, n. 96, set. 1963.

RICHAUDEAU, François. **Manuel de typographie et de mise en page: du papier à l'écran**. Paris: Retz, 2005.

SANTOS, Milton. Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente. **GEOSUL - Revista do Departamento de Geociências**, Florianópolis/SC, v. 3, n. 5, 1988.

SOLARI, Aldo B. O objetivo da sociologia rural. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA,

Oriowaldo. **Vida rural e mudança social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carlo; GALPIN, Charles. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: HUCITEC, 1981.

VIEIRA, Cícera Marcelina. A produção didática da professora Maria de Lourdes Gastal (1945-1970): primeiros resultados de investigação. 17º Encontro da ASPHE, **Anais**, Santa Maria/RS, 2011. p. 01- 10.

VIEIRA, Cícera Marcelina; PERES, Eliane. A produção didática da professora Maria de Lourdes Gastal (1945-1970): primeiros resultados de investigação. XX Congresso de Iniciação Científica; III Mostra Científica. **Anais**, Pelotas/RS: UFPel, 2011. p. 01- 04.

VIEIRA, Cícera Marcelina. A produção didática da professora Maria de Lourdes Gastal e a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. IX ANPED SUL, **Anais**, Caxias do Sul/RS, 2012. p. 01 - 09.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Recebido em: 23/04/2018

Aprovado em: 09/05/2018

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 19 - Número 41 - Ano 2018

revistalinhas@gmail.com